

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

O papel do projeto “Nas Ondas do Marili”

na formação de receptores críticos

Priscilla Auilo Haikal

Orientadora: Claudia Mogadouro

Novembro de 2015

O PAPEL DO PROJETO “NAS ONDAS DO MARILI” NA FORMAÇÃO DE RECEPTORES CRÍTICOS¹

Priscilla Auilo Haikal²

RESUMO

Este trabalho tem como problemáticas principais a questão da manipulação dos grandes meios de comunicação e a frequência de notícias com viés tendencioso, que favorecem o senso comum e as interpretações rasas e generalistas. A partir da experiência de um projeto educacional, aplicado em uma escola da periferia de São Paulo, o artigo discute a formação de jovens receptores capazes de realizar uma leitura crítica da mídia.

Palavras-chave: Marili Dias, Nas Ondas do Marili, Nas Ondas do Rádio, educação, leitura crítica dos meios.

ABSTRACT

The main problematics of this paper are the content control of broadcast entities and the recurrent biased news, which favor the common sense, shallow degree of interpretation and excessive generalized ideas. From the documented experience of educational-communicative project applied in an Elementary School at São Paulo's outer edge, this article discusses the ability of media's critical readiness about facts published in the opinion formation of young people.

Key words: Marili Dias, Nas Ondas do Marili, Nas Ondas do Rádio, education, critical media readings

RESUMEN

Este trabajo tiene como problemáticas principales la manipulación de los medios de comunicación y la frecuencia de las noticias tendenciosas, favoreciendo el sentido común, la poca profundidad en el contenido y las interpretaciones generales. A partir de la experiencia de un proyecto educacional aplicado en una escuela en las afueras de São Paulo, el artículo desarrolla la formación de receptores jóvenes, capaces de una crítica de los medios.

Palabras clave: Marili Dias, Nas Ondas do Marili, Nas Ondas do Rádio, educación, lectura crítica de los medios de comunicación

INTRODUÇÃO

Este artigo tem suas origens baseadas no incômodo que a autora, e também jornalista, teve ao atuar na chamada grande imprensa. Graças à insatisfação com a abordagem da mídia em diferentes questões sociais e políticas, com destaque para a cobertura da eleição presidencial de 2010, que escolheria o sucessor do então presidente

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado como condição para obtenção do título de Especialista em "Mídia, Informação e Cultura".

² Bacharel em Jornalismo pela Faculdade Cásper Líbero.

Luiz Inácio Lula da Silva, a decisão foi voltar aos estudos em busca de uma formação que utilizasse a comunicação a favor da sociedade.

Ao pesquisar mais sobre cursos e especializações que tinham um viés mais crítico em relação à produção midiática e que propunham novas utilizações para os meios de comunicação, a autora teve contato com a Licenciatura em Educomunicação, oferecida pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. A partir dessa experiência, que trouxe novas referências como Jesús Martín-Barbero e Guillermo Orozco-Gómez, e uma leitura mais aprofundada das teses de Walter Benjamin e da própria Teoria Crítica, vieram as bases que nortearam o desenvolvimento deste trabalho.

Apesar de não ter concluído essa graduação, as ideias ali aprendidas nunca deixaram de ter importância no repertório da autora. Tanto é que, mesmo optando por uma especialização com enfoque na área de comunicação e cultura, ela sempre acreditou na transversalidade de conteúdos e na possibilidade de aproveitar esses saberes de diferentes maneiras.

Sendo assim, a escolha do tema teve como motivação a vontade de estudar iniciativas desenvolvidas para tentar minimizar a manipulação da mídia. Devido ao envolvimento de parte dos docentes da Licenciatura em Educomunicação e da apresentação do tema durante as aulas, a referência do projeto “Nas Ondas do Rádio” surgiu após pouco tempo de reflexão e pesquisa, assim como da agência de notícias “Imprensa Jovem”, que inclusive tem entre suas premissas “promover a reflexão crítica sobre os meios de comunicação³”.

Após essa definição, era necessário decidir por uma escola que atendesse à pesquisa de campo e trouxesse dados relevantes para a pesquisa como um todo. A indicação da Escola Municipal de Ensino Fundamental Marili Dias surgiu graças ao trabalho já consolidado, realizado há pelo menos seis anos, envolvendo as atividades da “Imprensa Jovem”. A ideia era analisar se a experiência de um projeto educacional era capaz de despertar nos participantes uma leitura crítica em relação à mídia; se ao incentivar o papel protagonista do aluno, ao permiti-lo ocupar a posição de produtor de informação, e não mais somente de consumidor, ele teria um entendimento diferente das formas de abordagem da grande imprensa.

³ Disponível em <http://portalsme.prefeitura.sp.gov.br/Projetos/educom/AnonimoSistema/MenuTexto.aspx?MenuID=32&MenuIDAberto=29>. Acesso em 04 de novembro de 2015.

Pode-se considerar acertada a decisão, uma vez que foi constatado que o processo de desenvolvimento da leitura crítica dos alunos da escola selecionada está, de certa forma, consolidado, trazendo dados concretos para análise de uma pesquisa acadêmica.

O presente trabalho, então, se configura na seguinte ordem. No primeiro tópico é apresentada a questão da manipulação das notícias na imprensa nacional, com exemplos de casos que evidenciam a parcialidade ideológico-política dos veículos de comunicação do país. A seguir, são relacionadas teorias da comunicação que tratam da recepção das mensagens, do poder de influência que os meios de informação exercem na sociedade, e da Educomunicação, novo campo de estudos que surge como possível solução mediante esse cenário de manipulação. No terceiro tópico são detalhadas a metodologia e os procedimentos utilizados para analisar as propostas educacionais desenvolvidas na Escola Municipal de Ensino Fundamental Marili Dias. O trabalho de campo pode ser compreendido no quarto tópico, onde estão os principais pontos das entrevistas realizadas com as professoras, a formadora da secretaria municipal de educação e jovens alunos envolvidos no projeto. As considerações finais estão no quinto e último tópico.

1. A MANIPULAÇÃO DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Uma das primeiras cláusulas do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros dispõe que a “divulgação da informação precisa e correta é dever dos meios de comunicação e deve ser cumprida independentemente da linha política de seus proprietários ou da natureza econômica de suas empresas⁴”. Mesmo que a verdade e a precisão estejam entre uma das premissas da profissão do comunicador, não são poucas as vezes que a cobertura da imprensa nacional parece ignorar esses princípios, veiculando conteúdos não somente tendenciosos, mas também falsos.

Lançado em 2014, o documentário “O Mercado de Notícias⁵”, dirigido por Jorge Furtado, traz ao menos cinco casos de coberturas que se basearam em provas e depoimentos duvidosos, que tinham como interesse maior alimentar o sensacionalismo

⁴ Disponível em http://www.fenaj.org.br/federacao/cometica/codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf. Acesso em 04 de novembro de 2015.

⁵ O roteiro do documentário “O Mercado de Notícias” tem como linha condutora a peça homônima do dramaturgo inglês Ben Jonson (1572- 1637), “The staple of news”. A peça de Jonson foi encenada pela primeira vez em 1626, em Londres.

envolvendo questões partidárias ou de forte apelo emocional. Ao não checar o histórico e a veracidade dos fatos apontados pela fonte, a imprensa pode divulgar um conteúdo enganoso e perpetuar uma mensagem falsa em relação aos envolvidos. Como o caso ocorrido com o então candidato à presidência, José Serra. Por uma suposta agressão de militantes governistas, amplamente divulgada nos veículos de comunicação, o político interrompeu sua agenda para ser submetido à tomografia e exames clínicos. Reproduzindo imagens de diferentes câmeras, o filme mostra que Serra foi atingido por uma bolinha de papel, fato documentado que teve pouco apelo diante do rumor de violência contra o político de oposição.

Outro caso emblemático, relatado no documentário britânico “Muito Além do Cidadão Kane”⁶, é a cobertura da campanha presidencial de 1989 pela Rede Globo de Televisão. Dias antes do segundo turno da eleição, disputada por Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e Fernando Collor de Mello (PRN), o Jornal Nacional veiculou uma edição tendenciosa do debate entre os dois candidatos, que favorecia o desempenho de Collor. O PT moveu uma ação contra a emissora no Tribunal Superior Eleitoral. Atores globais, junto com outros artistas e intelectuais protestaram contra o vídeo. Após 22 anos do ocorrido, José Bonifácio Sobrinho, o Boni, à época vice-presidente de operações da rede, admitiu que a emissora assumiu o lado do político do PRN, tomando decisões para melhorar a imagem de Collor junto ao telespectador.

Apesar da conduta esperada do profissional de jornalismo envolver objetividade, verdade e precisão na transmissão das informações, tornam-se frequentes na imprensa nacional as notícias com forte conteúdo opinativo, por mais que não sejam veiculadas em um espaço editorial. Com a justificativa de elaborar um conteúdo mais informal e próximo do telespectador, abusa-se da adjetivação na formulação das matérias, distanciando-se cada vez mais da imparcialidade, critério pregado pela maioria das redações brasileiras. A predominância do gênero opinativo disfarçado de informação, destacando um posicionamento favorável a um partido ou ideologia, nada mais é do que a manipulação dos meios, que conforme sua própria definição, significa engendrar ou forjar ideias.

⁶ Exibido em 1993, o documentário televisivo “Beyond Citizen Kane” (Muito Além do Cidadão Kane) foi produzido pelo diretor de cinema inglês Simon Hartog.

2. A FORMAÇÃO DE RECEPTORES CRÍTICOS

Essa questão da recepção das mensagens e o poder de influência que os meios de informação exercem na sociedade é tema recorrente envolvendo os estudos da Teoria Crítica⁷. Desenvolvidas à medida que cresciam a popularização e o uso das tecnologias midiáticas, principalmente durante regimes políticos totalitários da Europa, inicialmente as teses concentraram atenções sobre as mensagens da mídia e seu efeito sobre os indivíduos, foco que aos poucos foi sendo voltado para o processo de seleção, produção e divulgação das informações através da imprensa.

Um dos teóricos de maior referência nesse campo é o alemão Walter Benjamin, que junto com outros importantes filósofos como Max Horkheimer e Theodor Adorno, integrou a Escola de Frankfurt. Ao analisar esse progresso das tecnologias e suas consequências imediatas, o teórico criticava o esvaziamento dos saberes mediante a desmoralização da experiência na Modernidade. Na opinião de Benjamin, com a predominância da técnica sobre outras formas de relação com a natureza, existia uma nova forma de miséria, que é o empobrecimento de uma dimensão fundamental do saber e da memória.

O sociólogo alemão afirmava que todos os fatos já nos chegam impregnados de explicações e que a desmoralização da experiência torna os indivíduos disponíveis para aceitar qualquer coisa que seja apresentada sob a forma de novidade. “É como se estivéssemos sendo privados de uma faculdade que nos parecia totalmente segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências”. (BENJAMIN, 2012, p. 214)

Apesar dessa visão pessimista quanto o papel dos meios tecnológicos na sociedade, o trabalho desenvolvido por esses teóricos alemães foi muito importante no questionamento da dominação ideológica na chamada comunicação de massa. A partir de 1960 começaram a surgir outros estudos que se concentravam na figura do receptor e nos elementos envolvidos na decodificação das mensagens. Chamados de Estudos de Recepção, essas teses admitiam que os consumidores da informação interpretam e fundamentam outros significados às mensagens a partir de suas experiências individuais e culturais.

⁷ A Teoria Crítica surge em meados dos anos 1920 e está ligada ao trabalho teórico de filósofos e pensadores da Escola de Frankfurt e do Instituto de Pesquisas Sociais, sediados na Universidade de Frankfurt, Alemanha.

A professora da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP), Roseli Fígaro, afirma que esses estudos propõem uma abordagem diferente dos meios de comunicação, extrapolando sua explicação como transmissão linear de informação baseada no reflexo, vendo-os no processo de interação social. “Pensar a comunicação a partir da recepção dos meios de comunicação na vida da sociedade contemporânea, como eles atuam no cotidiano dos grupos sociais, nas diferentes comunidades e culturas.” (FÍGARO, 2001, p. 91)

Uma das teorias que integra os chamados Estudos de Recepção e que também segue essa premissa de entender os meios de comunicação como mediadores entre nós e a realidade é a Teoria das Mediações. Buscando compreender o processo comunicacional a partir dos elementos socioculturais aos quais os indivíduos estão inseridos, essa tese considera que as mediações são os conhecimentos e as práticas sociais das pessoas, ou seja, são estruturas simbólicas dinâmicas a partir das quais é atribuído o sentido de uma mensagem em um determinado momento no espaço e no tempo. A interpretação da realidade de cada sujeito varia conforme seu repertório cultural e suas vivências particulares, como explica o doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica, professor Luís Mauro Sá Martino.

Pode-se entender por mediações as estruturas de construção de sentido às quais o receptor está vinculado. A história pessoal, a cultura de seu grupo, suas relações sociais imediatas, sua capacidade cognitiva são mediações, mas também interferem no processo sua maneira de assistir televisão, sua relação com os meios e com as mensagens veiculadas. A própria ideia de mediação presume a existência de dois termos finais - a mensagem e o receptor - intermediados por uma série de códigos, signos e práticas responsáveis por estabelecer pontos de flutuação de sentido entre o efeito planejado pelo produtor da mensagem e a reconstrução feita pelo sujeito (...) (MARTINO, 2009, p. 180).

Um dos principais representantes desses estudos é o antropólogo e filósofo Jesús Martín-Barbero. Com um trabalho voltado para entender a mídia na América Latina, o espanhol radicado na Colômbia ganhou grande destaque com a publicação do livro “Dos meios às mediações”, lançado em 1987. Suas análises da comunicação voltaram-se para o quadro de referências sociais e individuais dentro do qual se realiza a interação comunicacional, sendo preciso considerar os processos culturais, sociais e econômicos que enquadravam a produção e a recepção das mensagens da mídia. Na opinião de Martín-Barbero, “os meios de comunicação não são um puro fenômeno comercial, não

são apenas um fenômeno de manipulação ideológica, são um fenômeno antropológico, um fenômeno cultural através do qual as pessoas, muitas pessoas, cada vez mais pessoas, vivem a construção de sentido em suas vidas”. (MARTINO, 2009, p.182)

Mesmo que as mediações envolvam os conhecimentos e as práticas sociais dos receptores, e as condições materiais e simbólicas nas quais estão inseridos, muitas dessas referências individuais são obtidas através da própria mídia, como pontuou o Martín-Barbero. Outro teórico que analisa a relevância dos meios de comunicação nessa formação é o inglês John B. Thompson. O sociólogo considera que a imprensa é um produto que atua como dispositivo de mediação da modernidade e que a cultura moderna encontra centralidade nos meios de comunicação, sendo estes vitais para o controle de poder na sociedade. O professor, que atua na Universidade de Cambridge, acredita que o desenvolvimento da comunicação de massa é uma transformação fundamental e contínua das maneiras como as formas simbólicas são produzidas e circulam na sociedade.

Para o professor da Universidade da Califórnia, Peter McLaren, as diferenças sociais são efetivadas de acordo com a produção ideológica e a recepção de signos culturais, sendo que a ideologia dominante sempre tenta estabilizar certos significados em termos definidores ou em normas de conceitos culturais que criam uma hierarquia dependente. Na obra “Multiculturalismo Crítico”, o autor destaca que essa articulação acontece porque as relações socioeconômicas de poder requerem distinções a serem feitas entre os grupos, realizadas por meio de formas de significação.

Em nossa cultura pós-moderna predatória e hiperfragmentada, a democracia é mantida através do poder de controlar a consciência e de semiotizar e disciplinar corpos através do mapeamento e manipulação de sons, imagens e informações e de forçar a identidade a refugiar-se em formas de subjetividade crescentemente experienciadas como isoladas e separadas de contextos sociais maiores. (MCLAREN, 2000, p. 106)

Esse controle e manipulação citados por McLaren são classificados como uma disputa na formação do cidadão segundo a professora da Escola de Comunicações e Artes da USP, Maria Aparecida Baccega. A pesquisadora afirma que o universo de cada indivíduo é formado pelo diálogo de diferentes discursos, nos quais seu cotidiano está inserido, e de onde se constitui a subjetividade, que nada mais é que o resultado da

polifonia que cada indivíduo carrega. Essa construção, na análise da docente, é alvo de disputa pelas agências de socialização, que inclui o campo da comunicação.

Nesse cenário, a professora adverte que vivemos em um mundo editado, já que os meios de comunicação selecionam, editam e interpretam os fatos do cotidiano, dando determinado sentido à nossa realidade. A pesquisadora defende que somente a partir da crítica a esse mundo será possível construirmos a cidadania, sendo indispensável distinguir informação de conhecimento, dando destaque à questão da recepção enquanto prática cultural.

A solução apontada por Maria Aparecida Baccega (2004) envolve um novo campo de estudos, resultado da inter-relação entre a Comunicação Social e a Educação. “A reflexão sobre a pluralidade de sentidos passa pela escola que, se ressignificada, pode ser o espaço da transformação da informação fragmentada em conhecimento, o que implica reelaboração e capacidade de seleção”. A proposta dos pesquisadores dessa área, chamada de Educomunicação ou Comunicação/Educação, é que esse seja um espaço teórico capaz de fundamentar práticas de formação de sujeitos conscientes, facilitando a recepção crítica dos meios de comunicação.

O encontro comunicação/educação leva a nova metassignificação, ressemantizando os sentidos, exigindo, cada vez mais, a capacidade de pensar criticamente a realidade, de conseguir selecionar informação (disponível em número cada vez maior graças à tecnologia) e de inter-relacionar conhecimentos. O desafio, hoje, é a interpretação do mundo em que vivemos, uma vez que as relações imagéticas estão carregadas da presença da mídia. Trata-se de um mundo construído pelos meios de comunicação, que selecionam o que devemos conhecer, os temas a serem pautados para discussão e, mais que isso, o ponto de vista a partir do qual compreenderemos esses temas. Eles se constituem em educadores privilegiados, dividindo as funções antes destinadas à escola. E têm levado vantagem. (BACCEGA, 2004, p. 5)

O filósofo Jesús Martín-Barbero corrobora com a ideia de que a escola deixou de ser o único lugar de legitimação do saber, já que existe uma multiplicidade de saberes que circulam por outros canais, difusos e descentralizados. O pesquisador dos processos de recepção e do campo Comunicação/Educação Guillermo Orozco-Gómez também defende uma nova abordagem no ambiente escolar para favorecer a formação de interlocutores capacitados para uma recepção e produção comunicativa ao mesmo tempo múltipla, seletiva e crítica. Para o professor mexicano, ante as novas tecnologias de informação, as escolas precisam assumir que a aprendizagem se realiza em múltiplas

situações e cenários da vida cotidiana para se transformar em um centro de reconhecimento e articulação de múltiplos conhecimentos e informações que circulam usualmente.

O que a escola deve assegurar, em todo caso, é que a aprendizagem resultante de um processo educativo seja relevante para o sujeito ou os sujeitos que aprendem, relevante para o seu desenvolvimento como ser humano e social, que participa de comunidades e de países específicos. Em uma vinculação adequada das novas tecnologias de informação com a educação, o papel dos comunicadores é múltiplo. (OROZCO-GÓMEZ, 2002, p. 172)

Na concepção do professor Ismar de Oliveira Soares (1988), docente titular no Departamento de Comunicações e Artes da USP e um dos precursores dos estudos de Educomunicação no Brasil, a mudança se baseia principalmente na prática comunicativa deixar de estar a serviço da indústria cultural e passar a ser regida pelos objetos educativos. Soares defende a implantação de programas de "educação para a comunicação", valorizando ações que permitam que grupos de pessoas se relacionem adequadamente com o sistema de meios de comunicação. A ideia é que o público receptor seja educado para ter uma atitude crítica perante o impacto das mensagens ideológicas, culturais e publicitárias, podendo assim neutralizar seus efeitos negativos.

A educação para a comunicação deve oferecer condições para que a comunidade descubra a natureza dos processos de comunicação em que está inserida, ajudando seus membros a desvendar os mecanismos pelos quais a sociedade, ao utilizar os recursos da Comunicação Social, exerce sobre o povo o poder de manipulação. Deve, ainda, favorecer o exercício de práticas comunicacionais democráticas e libertadoras. (SOARES, 1988, p. 17)

O trabalho do docente se baseia na valorização da relação entre o ensino, os jovens e o mundo da comunicação, já que só assim seria possível “ampliar as condições de expressão da juventude como forma de engajá-la em seu próprio processo educativo”. As pesquisas desenvolvidas por ele e por outros especialistas do Núcleo de Comunicação e Educação (NCE) da USP deram origem a diferentes projetos, entre os quais o curso "Educomunicação pelas ondas do rádio", criado em 2001. A intenção era contribuir com outra ação, o “Projeto Vida⁸”, para favorecer o protagonismo juvenil e promover uma cultura de paz nas escolas.

⁸ O “Projeto Vida” foi lançado em outubro de 2001 pela Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, com o intuito de combater a violência nas escolas.

As equipes são responsáveis pelo tratamento da informação e a veiculação dos conteúdos produzidos em diversas linguagens para diferentes plataformas, tais como *blogs*, redes sociais, *podcasts*, *sites*, jornais murais e comunitários, fanzines e programas de rádio escolar. A base tecnológica de produção de conteúdo são equipamentos de uso comum como celulares, gravadores analógicos e digitais e computadores. Não há idade mínima para integrar o programa, pois a ideia é democratizar a comunicação no espaço escolar, colaborando para circulação da informação e do conhecimento dentro e fora da escola, ampliando as possibilidades de aprendizagem. O que costuma ser necessário é a autorização dos pais caso as coberturas ocorram fora do ambiente escolar, sendo que todos os participantes são identificados por usar uma camiseta laranja escrito “Imprensa Jovem”, já característica do projeto.

Pelas atividades descritas no programa, a intenção é despertar nos estudantes a curiosidade e o interesse pela pesquisa, estimular o trabalho colaborativo e cooperativo dos alunos e contribuir para a gestão da comunicação e do conhecimento na educação. Ainda pela descrição da iniciativa, ao potencializar a articulação dos conhecimentos e de temas transversais, o objetivo também é promover a reflexão crítica sobre os meios de comunicação. A partir dessa proposição surgiu a decisão de acompanhar os métodos pedagógicos utilizados no projeto, a fim de verificar se as alternativas às metodologias tradicionais da educação resultaram na formação de receptores críticos.

A ideia foi constatar se houve mudança na visão dos alunos envolvidos em relação à abordagem da grande imprensa, já que eles passaram da posição de receptor para produtor de informações. A análise voltou-se para o fazer comunicativo e seus desdobramentos, partindo do pressuposto de que ao entender e integrar o processo de comunicação, os estudantes passariam a ter uma leitura diferente da mídia.

Para isso, foi utilizada como estudo de caso a experiência do projeto chamado “Nas Ondas do Marili”, aplicado na Escola Municipal Marili Dias. Por meio de uma pesquisa de campo explicativa e com abordagem direta, este trabalho foi desenvolvido a partir de referências bibliográficas e de entrevistas semi-estruturadas com alunos, docentes e pesquisadores que integram a iniciativa. Com uma metodologia hipotético-dedutiva, a pesquisa de campo se concentrou na obtenção de dados, depoimentos e impressões em relação à implantação das atividades educacionais no colégio.

Essa etapa de coleta de informações abrangeu entrevistas com duas professoras envolvidas no “Nas Ondas Marili Dias” e com uma das pesquisadoras responsáveis pela formação dos professores que compõem o “Programa Nas Ondas do Rádio”, Paola Prandini, além do acompanhamento da cobertura do evento “Missões Além do Prato”¹⁰ pela “Imprensa Jovem” e de uma reunião de entre alunos e professores participantes do projeto. Os áudios das conversas foram gravados, todos com consentimento prévio dos entrevistados, havendo a preparação de um roteiro com os temas que não poderiam ficar de fora de cada encontro, apesar da abertura para tratar outros temas não previstos anteriormente. A finalidade foi entender como os docentes trabalharam a gestão da informação e do conhecimento, com o intuito de “contribuir para o desenvolvimento da competência leitora e escritora e das expressões comunicativas dos alunos e possibilitar o desenvolvimento da expressão comunicativa”, como consta na definição da própria iniciativa, descrita no *blog* da escola Marili Dias¹¹.

4. NAS ONDAS DO MARILI

Localizada na periferia de São Paulo, precisamente na região do Morro Doce, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Marili Dias iniciou suas atividades no ano de 2008. Conforme o depoimento dos professores, o corpo discente era formado por alunos acostumados com o ensino consolidado de outros colégios do entorno e pelos chamados “alunos-problema”, o que acentuou as dificuldades na construção desse espaço que além do difícil acesso, carecia de material e de infraestrutura para as aulas.

Dois anos depois de sua abertura, através da indicação da diretora em exercício à época, a professora de Português Sandra Santella aceitou o desafio de implantar o projeto educ comunicativo “Nas Ondas do Rádio” no local. As atividades iniciaram somente com cinco alunos e tinham como foco amenizar as tensões entre os estudantes, por meio do trabalho de fortalecimento de identidade dentro do ambiente educacional e da própria comunidade.

Eram cinco alunos, e justamente aqueles pontos críticos na escola. O objetivo era oferecer um ponto de protagonismo e autonomia para o

¹⁰ Realizado no dia 3 de setembro de 2015, o evento foi promovido pelo Departamento de Alimentação Escolar (DAE) da Secretaria Municipal de Educação (SME). O objetivo era compartilhar as experiências das professoras e merendeiras vencedoras do “Prêmio Educação Além do Prato”.

¹¹ Disponível em <<http://portalmarilidias.blogspot.com.br/p/nossos-projetos.html>>. Acesso em 04 de novembro de 2015.

aluno, para que ele pudesse criar uma identidade com o local e conquistar esse espaço para ele próprio, buscando diminuir a violência na escola. Nesse período a gente ainda não pensava em mídias, queríamos somente ter o aluno perto da gente, produzindo alguma coisa bacana pra ele. (SANTELLA, 2015)¹²

A professora de História da EMEF, Cristiane Reinoldes, também destaca que o protagonismo do aluno é uma das prerrogativas mais fortes dentro do projeto, já que existe o cuidado em estimular as atividades específicas que cada estudante gosta de desempenhar. A docente conta que havia uma rejeição muito grande em relação à escola quando as aulas foram iniciadas, por isso a importância do trabalho de construção da identidade do próprio aluno dentro daquele ambiente.

Eles já têm tantas obrigações dentro da escola. Se você ficar obrigando-os a fazer alguma coisa no projeto que não gostam, além de não dar certo, vai perder o sentido. A gente tinha que transformar o “Nas Ondas” em uma coisa que desse prazer para eles estarem dentro da escola e começamos a utilizar linguagens que eles dominavam, como o grafite. (REINOLDES, 2015)¹³

Segundo a professora Sandra Santaella, em 2013 os estudantes já tinham se apropriado da linguagem jornalística, realizando sozinhos a produção de entrevistas, o registro fotográfico e de vídeo, e a elaboração dos textos. Atualmente o projeto “Nas Ondas do Marili” conta com a participação de 30 alunos de diferentes turmas, possui blog, perfil no Facebook e recebeu o II Prêmio de Educação em Direitos Humanos¹⁴ pela produção “Comunicação - Um direito humano”, realizada no ano passado.

Apesar de não ter sido o enfoque primordial do programa, o “Nas Ondas do Marili” parece ter consolidado uma educação perante os meios entre os alunos. Quando questionada sobre esse caráter crítico em relação à mídia, Sandra é enfática ao dizer que esse aspecto era perceptível através da prática dos jovens durante as coberturas.

Como resultado hoje nós temos um aluno crítico. Mas foi um processo natural. Percebo isso neles, já que não foi com esse propósito que iniciamos o projeto. Normalmente eu apresentava pontos críticos na produção de informação. O que vocês pretendem passar? É só informação? É opinião? (...) No princípio era mais técnico, mas quando começamos a ir pra rua começou esse outro lado mais crítico, de estudo. Mais por questões ideológicas de levantar pontos críticos do que a gente queria dizer, a gente trazia alguns exemplos de notícias

¹² Entrevista da Profª Sandra Santella concedida à autora em 08/09/2015.

¹³ Entrevista da Profª Cristiane Reinoldes concedida à autora em 03/09/2015.

¹⁴ Iniciativa das secretarias municipais de Direitos Humanos e Cidadania (SMDHC) e de Educação (SME). Em 2014, concorreram ao Prêmio cem projetos de professores, alunos, grêmios estudantis e unidades escolares.

recentes. Por exemplo, tivemos uma oficina com uma formadora de educam que é produtora de cinema e tinha produzido um curta sobre moradores de rua, ocupação e mobilizações. A partir do vídeo começamos a discutir as produções e o que a gente via. Conhecemos histórias de pessoas que perdem suas casas e lutam por moradia para não ficar na rua. Não são um bando de baderneiros como apresenta a mídia. Daí a gente cai no discurso de questionar o que está sendo colocado pela imprensa. Qual a diferença em dizer invasão e ocupação? Qual a intencionalidade das palavras em uma cobertura? A gente cai em questões como essas. Quem são as pessoas que estão colocando isso? Por que tratar como baderneiro? Começamos a discutir coisas assim sobre o que vemos, o que queremos colocar e produzir. Será o que a gente vê é realmente o que acontece? Tem que começar questionar o que estou vendo. Foi muito pela prática. (SANTELLA, 2015)¹⁵

A docente detalha que além da prática, a postura inicial de valorizar a autonomia do aluno contribuiu muito para despertar essa visão mais criteriosa por parte dos alunos em relação aos meios. Sandra cita ainda outro caso no qual foi possível chamar a atenção dos estudantes sobre as diferentes abordagens possíveis em relação a um mesmo conteúdo.

A cobertura do Caramanchão Cultural, um coletivo aqui de Perus, que luta pela reapropriação da fábrica de cimento e envolve uma briga judicial com um grande político. Esse coletivo se organiza e faz ocupações culturais dentro desse espaço que é uma fábrica de cimento. Quando eu vou fazer a cobertura de uma ação cultural dentro desse espaço, que é um espaço privado e que a sociedade tem uma luta pela conquista do espaço como território do povo e o espaço cultural, o que eu quero colocar? Quais são as palavras que eu vou usar? Daí vem essas posições críticas e ideológicas. De questionar e trazer questões como: e se fosse uma grande mídia fazendo uma cobertura de um ato como esse, que invade a rua com faixa, placa e tambor? Então, qual lado a gente quer mostrar? O que eu vejo? (SANTELLA, 2015)¹⁶

A estudante Karina de Carvalho Pereira, de 14 anos, é uma das alunas mais bem articuladas e críticas do atual grupo da “Imprensa Jovem” na escola Marili Dias. Integrante do projeto há dois anos, a aluna destaca que a liberdade de expressão é o aspecto mais atrativo da iniciativa e que a maior motivação “foi os professores dizerem que eu tenho a capacidade de fazer o que eu faço”.

Assim como os outros alunos entrevistados, Karina revelou não gostar de ler jornal ou assistir programas jornalísticos, especialmente por eles retratarem uma realidade muito distante daquela com a qual os jovens convivem. A fala da aluna vem

¹⁵ Entrevista da Profª Sandra Santella concedida à autora em 08/09/2015.

¹⁶ Entrevista da Profª Sandra Santella concedida à autora em 08/09/2015.

ao encontro da hipótese deste artigo de que a leitura das informações divulgadas na grande imprensa é alterada quando há a inversão da posição de receptor para produtor de conteúdo.

A gente sabe como foi feito, acaba motivando mais a gente a assistir, ou até mesmo ler, mas acaba criando um certo conflito porque a gente vê aquilo e sabe que não é assim que acontece. Acaba vindo só uma parte da realidade. A TV mostra certas coisas que na maioria das vezes é só metade da verdade, não mostram tudo. (...) Com a nossa experiência que a gente vai tendo aqui a gente procura saber o que realmente acontece para poder ter a nossa opinião formada. Depende do interesse que a empresa tem, não? Falam que a periferia é um lugar detestável. Mas veja só a gente. Estamos em um lugar lindo, com vários tipos de cultura. Por isso que eu falo, nem tudo que eles mostram é verdade. O que será que eles estão ganhando com isso? (PEREIRA, 2015)¹⁷

O estudante Luan Oliveira Santana, de 15 anos, conta que ultimamente lê muito mais livros do que consome conteúdo jornalístico. Há oito meses no projeto, o aluno considera “meio falso o que passa no jornal” e afirma que “eles colocam em um olhar que não tem nada a ver com a realidade”.

O incômodo de Luan surge da maneira como a periferia usualmente é retratada nos grandes meios de comunicação. “Colocam um rótulo na gente que o povo da periferia só faz coisa errada”, avalia. Mas ele mesmo revela que conseguiu alterar sua visão que tinha em relação à própria comunidade desde que começou a participar da iniciativa.

Quando eles vão tratar da periferia, raramente eles vão falar da cultura em geral. Eles falam mais da criminalidade que acontece em volta. Mas quando você vê, com a convivência, não é só aquilo. Antes eu assistia mais TV, mas agora parei um pouco porque não me conformo com a realidade que eles passam. Antes quando eu abria minha janela eu via um buraco cheio de mato e casa. Mas agora eu entendi, porque conheço a história do bairro, conheço a estrutura do bairro, como as pessoas estão lutando aqui para fazer a cultura do povo. Isso o projeto me ajudou muito. Eu não conhecia [o bairro] como conheço hoje. (SANTANA, 2015)¹⁸

Para o estudante, estar envolvido em atividades educacionais significou ter liberdade no modo de se expressar e produzir conteúdo. Luan revela que depois das aulas que trabalharam a questão da identidade da comunidade e da escola, e das ações do Imprensa Jovem, onde conseguia entender como colocar suas próprias opiniões no

¹⁷ Entrevista da aluna Karina de C. Pereira concedida à autora em 08/09/2015.

¹⁸ Entrevista do aluno Luan O. Santana concedida à autora em 08/09/2015.

texto, hoje ele consegue compreender o que está certo e o que está errado em um telejornal, e o que vale a pena ser absorvido daquele conteúdo.

Se eles não estão falando a verdade por completo, pra mim não é verdade. Para mudar, as pessoas têm que parar e começar a pensar. E não ser influenciado pelo o que eles estão escutando, por pensamento das outras pessoas. Você acha que eu era influenciado? É muito. Eu comecei a pensar mais, a agir mais conforme a minha vontade, não conforme a vontade dos outros. (SANTANA, 2015)¹⁹

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse período de análise e contato com as atividades realizadas no colégio Marili Dias, foi possível perceber que os resultados da proposta pedagógica têm ligação direta com a maneira como os professores utilizam os conceitos educacionais, ou seja, como aplicam as diretrizes envolvendo o protagonismo do aluno e a educação para a comunicação.

Essas diretrizes não são predominantes no sistema educacional de São Paulo e faz parte do trabalho dos docentes apresentar novas maneiras de ocupar e interpretar o espaço educacional, mostrando aos estudantes que existem outras formas de aprendizado na escola, inclusive com o uso de tecnologias de comunicação. Na maior parte das vezes, os alunos estão habituados com o modelo tradicional de ensino, no qual as aulas se concentram no conteúdo programático e os discentes quase não têm participação na articulação dos conhecimentos.

São modelos escolares que insistem na racionalidade marcada pela técnica, objetividade e hierarquia, em uma configuração cada vez mais distante da realidade contemporânea, ignorando quase sempre o mundo da comunicação que permeia o cotidiano dos alunos. Em oposição a essa prática, o projeto educacional propõe a democratização da comunicação no ambiente de ensino, visando favorecer a circulação da informação e do conhecimento dentro e fora da escola, contribuindo para a formação de receptores mais bem preparados e com mais elementos para julgar os conteúdos transmitidos pela mídia.

¹⁹ Entrevista do aluno Luan O. Santana concedida à autora em 08/09/2015.

Na explicação do filósofo Jesús Martín-Barbero, a escola na América Latina continua consagrando uma linguagem retórica, tornando absoluta uma cultura que asfixia sua própria voz, estigmatizando o rebelde e cuja máxima aspiração é adaptar-se.

A contradição entre o papel estratégico da educação na sociedade informacional e o tratamento que a escola pública do ensino básico à universidade recebe atualmente na América Latina não faz senão agravar a desestabilização das instituições democráticas, ameaçando a própria viabilidade de nossos países como nações. (MARTÍN-BARBERO, 2014, p.11)

Paola Prandini, que integra a equipe de formação dos educadores do “Programa Nas Ondas do Rádio”, pontua que, quando ocorre a mudança na linguagem retórica apontada Martín-Barbero e os professores abrem espaço para o discurso do aluno, é natural que os temas críticos venham à tona. Ela destaca que a partir do momento em que os próprios alunos passam a exercer sua liberdade, de se colocarem no meio em que estão inseridos, eles começam a contestar aspectos dessa realidade.

A educadora lembra que o projeto educ comunicativo faz parte de uma política pública da cidade baseada na troca entre universidade, pesquisador, escola, professor e aluno. Ao trabalhar com a formação dos professores, Paola atua como facilitadora para a implantação dessas ações, tanto por meio da teoria educ comunicativa, como pela apresentação dos recursos tecnológicos e de suas linguagens, como rádio, vídeo, fotografia, agência de notícias, jornal mural, *blog*, e outras.

Por mais que a ideia seja incentivar a expressão comunicativa e criativa dos alunos com estas atividades, a educadora revela que é difícil mensurar se após essas formações, os docentes acreditam que são somente produtores de mídia, pois dominam o uso das ferramentas, ou se entendem que a mídia é apenas um processo que envolve diversos outros aspectos.

Não existe um levantamento que possa delimitar esses efeitos. (...) Sabemos que esse fluxo acontece. Não de uma forma linear, não de uma forma organizada, mas acontece. Inevitavelmente a gente percebe que uma teia vai sendo formada. (PRANDINI, 2015)²⁰

No caso do colégio Marili Dias, os quatro alunos entrevistados para este artigo foram unânimes ao dizer que a liberdade de se expressar e de manifestar suas opiniões foi o fator de maior importância durante toda a ação educ comunicativa, sendo também a

²⁰ Entrevista da formadora Ms. Paola Prandini concedida à autora em 02/09/2015.

característica que eles mais gostaram ao integrar o projeto. Porém, Paola alerta que essa ainda não é uma unanimidade na aplicação do programa.

O aumento da autoestima das crianças isso você vê, eles sentem mesmo. Quando eles colocam a camisetinha laranja eles crescem simbolicamente, isso é muito bonito de ver. A autonomia dos alunos é muito forte, o protagonismo. Mas precisamos caminhar mais em termos de leitura crítica e liberdade de expressão. Não somos uma sociedade livre ainda, o que dirá as equipes? A escola é um organismo que representa uma sociedade e se temos tantos problemas hoje para se expressar, isso não está diferente na escola. Mesmo em escolas com projetos de educomunicação. A luta de forças regendo esse processo. Não sei se essa luta de forças vai deixar de existir, acho que faz parte de ser sociedade. As equipes são representativas dessa sociedade que elas estão inseridas. Mas a gente pode minimizar os ruídos. (PRANDINI, 2015)²¹

Mesmo que nem todos os professores consigam apreender e aplicar os conceitos educacionais, incentivando o maior protagonismo do aluno e a democratização da comunicação no espaço escolar, especificamente na EMEF Marili Dias o resultado verificado é bastante satisfatório. De acordo com o depoimento das educadoras envolvidas no projeto, as atividades serviram não só para diminuir os índices de violência do colégio, a partir da maior apropriação do espaço escolar, como para despertar essa visão mais criteriosa por parte dos alunos em relação aos meios.

O senso crítico desenvolvido pelos alunos pode ser percebido na fala em que eles revelam insatisfação com a maneira como a imprensa retrata o ambiente onde eles vivem. Com um discurso bastante descrente e reativo, os jovens afirmam que ao divulgar informações sobre a periferia, os grandes meios de comunicação enaltecem somente aspectos ligados à criminalidade e à violência. Para eles, a mídia mente ao mostrar apenas um lado da realidade, já que a comunidade vai muito além disso, havendo iniciativas sociais e culturais construtivas, como oficinas de capoeira, de grafite e de música.

Essa reprovação em relação ao discurso midiático também parece estar ligada ao trabalho de maior valorização da identidade do espaço escolar e do próprio bairro realizado ao longo do projeto. Vale reforçar que o estudante Luan Oliveira Santana é um exemplo que parece ter mudado sua própria visão em relação ao local onde vive após participar das atividades.

²¹ Entrevista da formadora Ms. Paola Prandini concedida à autora em 02/09/2015.

“Não me conformo com a realidade que eles [os meios de comunicação] passam. Antes, quando eu abria a minha janela, eu via aqui como um buraco cheio de mato e casa. Mas agora eu entendi, porque conheço a história do bairro, conheço a estrutura do bairro, como as pessoas estão lutando aqui para fazer a cultura do povo”. (SANTANA, 2015)²²

A experiência relatada neste artigo é um exemplo de que é possível o ensino voltado à sensibilidade humana, que favorece a incerteza, a significação, a convivência e a apropriação da história e da cultura. Por meio da metodologia educomunicativa, o colégio Marili Dias conseguiu tornar os jovens em protagonistas do processo de aprendizagem, ampliando os meios dialógicos de interação. Tal prática se faz cada vez mais necessária, pois além de potencializar a articulação dos conhecimentos, também promove a reflexão crítica sobre os meios de comunicação. Nada mais urgente na atual era dos dados, onde o volume de informações, somente em 2015, supera em centenas de vezes²³ o conteúdo produzido do início da história até 2003. Mediante esse cenário de excessos, é preciso ainda mais atenção com as fontes das informações, já que estas possuem interesses que são mais facilmente atingidos conforme o despreparo e a falta de criticidade do público receptor.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACCEGA, Maria Aparecida. **Comunicação/educação: apontamentos para discussão.** Comunicação e Educação (USP), São Paulo, v. 1, n. 2, p. 119-137, 2004.
- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** São Paulo: Brasiliense, 2012.
- FÍGARO, Roseli. **Estudos de recepção para a crítica da comunicação.** São Paulo: Paulinas, 2011.
- LOPES, Maria Immacolata V. **Pesquisa em Comunicação.** São Paulo: Loyola, 2008, 9ª edição.
- MARTINO, Luis Mauro Sá. **Teoria da Comunicação: ideias, conceitos e métodos.** Petrópolis: Vozes, 2009
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A comunicação na educação.** São Paulo: Contexto, 2014
- MCLAREN, P. **Multiculturalismo crítico.** São Paulo: Cortez, 2000.

²² Entrevista do aluno Luan O. Santana concedida à autora em 08/09/2015.

²³ Informação disponível em <<http://exame.abril.com.br/tecnologia/noticias/na-era-dos-dados-empresas-ainda-nao-sabem-lidar-com-eles>>. Acesso em 06/11/2015.

MOGADOURO, Cláudia de Almeida. **Educomunicação e escola: o cinema como mediação possível (desafios, práticas e proposta)**/ Cláudia de Almeida Mogadouro; Orientador Prof. Dr. Ismar de Oliveira Soares - São Paulo, 2011.

OROZCO-GOMEZ, Guillermo. **Comunicação, educação e novas tecnologias: tríade do século XXI**. São Paulo: Paulinas, 2011.

PEREIRA, Karina de Carvalho. **Entrevista realizada no dia 08 de setembro de 2015, em São Paulo**. Áudio disponível no apêndice.

PRANDINI, Paola. **Entrevista realizada no dia 02 de setembro de 2015, em São Paulo**. Áudio disponível no apêndice.

REINOLDES, Cristiane. **Entrevista realizada no dia 03 de setembro de 2015, em São Paulo**. Áudio disponível no apêndice.

SANTAELLA, Sandra. **Entrevista realizada no dia 08 de setembro de 2015, em São Paulo**. Áudio disponível no apêndice.

SANTANA, Luan Oliveira. **Entrevista realizada no dia 08 de setembro de 2015, em São Paulo**. Áudio disponível no apêndice.

SOARES, I. de O. (Org.). **Para uma leitura crítica da publicidade**. São Paulo: Paulinas, 1988.

SOARES, I. de O. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio**. São Paulo: Paulinas, 2011.